

“É duro morrer, é duro matar”: A imagem do inimigo em poemas selecionados de Anna Świrszczyńska

Milena Woitovicz Cardoso¹
Universidade Federal do Paraná

Resumo: O presente trabalho visa analisar como o inimigo é representado em nove poemas do livro *Eu construí a barricada* da poeta polonesa Anna Świrszczyńska. Nesse livro a escritora apresenta situações vividas durante a Segunda Guerra Mundial, em especial durante o Levante de Varsóvia que foi uma ação de resistência à invasão nazista na Polônia. Nos poemas selecionados é possível notar que os envolvidos no conflito são pessoas semelhantes e não correspondem a figuras repulsivas. Nota-se também que a experiência da guerra afeta a todos, inclusive os inimigos. Esse elemento pode ser observado em obras de outros escritores poloneses como: Janusz Korczak, Władysław Szlengel e Zbigniew Herbert. Trechos de obras deles são elencados para dialogar com os poemas de Anna Świrszczyńska.

Palavras-chave: Anna Świrszczyńska. Inimigo. Levante de Varsóvia. Segunda Guerra Mundial.

“It is hard to kill, it is hard to die”: The image of enemy in selected poems by Anna Świrszczyńska

Abstract: The present work aims to present an analysis of how the enemy is represented in nine poems from *Building the Barricade* by Polish poet Anna Świrszczyńska. In this book, the writer presents situations experienced by her during World War II, especially during the Warsaw Uprising, which was an action of resistance to the Nazi invasion of Poland. In the selected poems it is possible to note that people involved in the conflict are similar people and do not correspond to repulsive figures. It is also appointed that the experience of war affects everybody, including the enemies. This element can be observed in works of other Polish writers as: Janusz Korczak, Władysław Szlengel and Zbigniew Herbert, Excerpts of their works are chosen to dialogue with the poems written by Anna Świrszczyńska.

Keywords: Anna Świrszczyńska. Enemy. Warsaw Uprising. World War II.

O presente trabalho visa analisar a imagem do inimigo presente nos poemas: “Atirar nos olhos de um homem”; “O soldado alemão”; “A enfermeira de catorze anos pensa ao adormecer”; “Enterro o corpo do inimigo”; “Os olhos mortais”; “Quando atiras em mim”; “O sonho da escoteira”; “Disse: não chore” e “O oficial alemão toca Chopin”, todos publicados no tomo *Eu construí a barricada* de Anna Świrszczyńska. Ainda, para enriquecer a presente análise, serão cotejados trechos de obras de outros autores poloneses, nas quais foram abordadas situações vivenciadas durante a guerra, nas quais o inimigo também é retratado.

O referido livro da poeta trata do Levante de Varsóvia, uma ação de resistência contra os alemães durante a Segunda Guerra Mundial, na mencionada cidade que não

¹ Possui bacharelado em Direito pela Unicuritiba, bacharelado e licenciatura em História pela UFPR, bacharelado em Letras-Polonês pela UFPR e em 2022 ingressou no mestrado em Letras na área de Estudos Literários na UFPR. E-mail: milenawc@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0592-3122>.

encontrou êxito e ocasionou a destruição da capital polonesa e morte de grande parte de seus habitantes em 63 dias de 1944. A autora também tomou parte nesse evento, “foi testemunha e participante da luta de uma cidade de um milhão de habitantes contra tanques, aviões e artilharia pesada”. (MIŁOSZ, 2012, p.118)

Em entrevista para periódico *Odra* a autora comentou sobre o período da guerra:

A guerra [...] me ensinou muito. Percebi a vida por diversas perspectivas. Fui operária de fábrica, vendedora de pães e sabões, garçonne em bar e funcionária de hospital. Conheci as mais variadas pessoas, os mais diferentes ambientes: gentilha, bandidos e, do outro lado, heróis. Como é bom também “abandonar a pele de escritora”, não se sentir literata de profissão, ficar conhecendo os sentimentos e pensamentos de uma pessoa comum. Várias vezes fiquei pensando que minhas próprias vivências individuais são pequenas e pobres. A arte deve visar à universalidade e será universal quando compreender os corações dos outros.² (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1947, p. 7)

Trinta anos depois ela apresentou seu relato em forma de versos, na obra que ora enfocamos. Czesław Miłosz (1996, p. 72) menciona que nesse livro:

Em algumas linhas são delineados retratos daqueles que sentem medo e mesmo assim constroem a barricada; oficiais de ligação mulheres, a maioria das quais é morta; soldados de catorze e quinze anos, escoteiros e escoteiras. [...] Junto ao tom de luto dessa obra há também o tom extático, de admiração à magnificência humana, se a pessoa é capaz de atos de puro auto sacrifício. A forma dos poemas é abandonada na prosa, como se fosse muito trabalhada, sendo substituída pelo verso livre mais “transparente”. Importante considerar a inadaptabilidade da poesia rimada ou encantatória para essas missões.

O extermínio de toda a cidade como tema. Isso significa que é necessário alcançar o mais amplo, arrancando das entranhas da cidade tudo o que normalmente permanece oculto e só fica visível no fogo e na poeira dos prédios desmoronando. Sabe-se que é mais difícil descrever o bem e o heroísmo, é consideravelmente mais fácil descrever o mal e o egoísmo, por isso a atenção do leitor é atraída em primeiro lugar para cenas nas quais a pessoa, levada pelos movimentos instintivos elementares, refuta as ideias mais elevadas sobre ela.³

² No original: “– Wojna [...] nauczyła mnie dużo. Ujrzałam życie z rozmaitych perspektyw. Byłam robotnicą fabryczną, sprzedawczynią bułek i mydła, kelnerką w barze i pracownicą szpitalną. Poznałam najrozmaitszych ludzi, najróżniejsze środowiska: meły, opryszków, a z drugiej strony i bohaterów. Jakże to dobrze – tak „zrzucić skórę pisarską”, nie czuć się literatem z profesji, poznawać uczucia i myśli człowieka szarego. Nieraz myślałam, że moje własne jednostkowe przeżycia są małe i ubogie. Sztuka musi dążyć do powszechności, a będzie powszechna, gdy zrozumie serca innych”.

Salvo indicação em contrário, as traduções apresentadas são de minha autoria.

³ No original: “Paroma kreskami są narysowane portrety - tych, którzy się boją, a jednak budują barykadę, łączniczek, z których większość ginie, żołnierzy czternasto- i piętnastoletnich, harcerzy i harcerek. [...] Przy całym tonie żalobnym tego dzieła jest w nim też ton ekstatyczny, podziwu dla wspaniałości człowieka,

Segundo Piotr Kilanowski:

Nesses poemas-quadros vemos os seres humanos que a guerra transforma em objetos, em carne que sofre, em corpos. Corpos movimentados pelo medo, pelas ordens, pelos mitos, pela guerra. Corpos mortos e corpos que matam. O excesso de humanidade que não permite “Atirar nos olhos de um homem” é, de imediato, punida com a redução ao estado de objeto – a morte. [...]

O curioso, no entanto, é que o inimigo não é desumanizado (KILANOWSKI, 2017, p. 7).

Essa questão levantada como curiosa por Kilanowski é o ponto de partida do presente trabalho. Para tanto, serão transcritos trechos julgados relevantes para apresentar que o inimigo, no caso os alemães, não são vistos como animais predadores, como representado por Art Spiegelman em *Maus*⁴.

Em três dos poemas selecionados, o oficial alemão é identificado como pai, como se observa nos seguintes trechos:

Hoje de noite **choravas no sono,**
sonhavas com teus filhos

na cidade distante. (ŚWIRSZCZYŃSKA, O soldado alemão In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 73, destaques meus)

As crianças vão chorar por você,
you were good

for your children. (ŚWIRSZCZYŃSKA, Enterro o corpo do inimigo In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 133, destaques meus)

Vai se aproximar
o soldado que me fuzilou,
e dirá: tão jovem
que nem a minha filha

E abaixará a cabeça. (ŚWIRSZCZYŃSKA, O sonho da escoteira In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 175, destaques meus)

jeżeli jest zdolny do aktów czystego samopoświęcenia. Forma poematu prozą zostaje zarzucona, jakby była zanadto dopracowana, i zastępuje ją jak najbardziej „przezroczyście” wiersz wolny. Warto się zastanowić nad nieprzystosowaniem poezji rymowanej czy w ogóle inkantacyjnej do takich zadań.

Zagłada całego miasta jako temat. To znaczy, że trzeba sięgnąć jak najszerzej, wydobywając z wnętrzości miasta to wszystko, co normalnie pozostaje zakryte, a co jedynie w ogniu i pyle rozpadających się kamienic staje się jawne. Wiadomo, że trudniej jest opisywać dobro i bohaterstwo, znacznie łatwiej zło i egoizm, toteż uwagę czytelnika przyciągają w pierwszym rzędzie sceny, w których człowiek, sprowadzony do odruchów elementarnych, zadaje kłam zbyt górnym o nim wyobrażeniom”.

⁴ Nessa graphic novel, o autor contar as experiências de seu pai, um judeu polonês sobrevivente do Holocausto, retratando os judeus como ratos e os alemães como gatos

Nota-se que o papel de pai torna a atuação do soldado alemão na guerra mais difícil, seja pela distância entre o *front* e o seio familiar ou, ainda, por identificar na pessoa por ele abatida, a figura de sua filha. Interessante observar que o algoz dos habitantes da capital polonesa não é retratado como alguém totalmente mau, mas sim como alguém que possui características boas (como amor à família e arrependimento). Ao estar afastado de sua família, o soldado chora e ao se deparar com a juventude de quem ele tinha fuzilado demonstra provável remorso destacado no verso “**E abaixará a cabeça.**” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 175) ou ainda certo respeito pela vida que ele abateu. Ele pode ser bom para suas crianças, enquanto que no território que foi invadido por seu país ele acaba ferindo mortalmente outra jovem. Essa situação evidencia a ambivalência presente em qualquer pessoa, que pode agir com ternura e brutalidade dependendo da situação em que se encontre.

Essa imagem humanizada do inimigo também está presente na obra de dois escritores que viveram no Gueto de Varsóvia: Janusz Korczak e Władysław Szlengel que foram vítimas da Shoah, ou seja, do extermínio provocado pela violência nazista.

Em relação ao dia 27 de julho de 1942, como se retratasse o pensamento dos alemães, Korczak escreveu na obra *Diário do Gueto*: “Somos constrangidos a manejar o cacetete, o bastão ou o lápis, mesmo que às vezes sintamos piedade. A ordem deve ser mantida. [...] É duro, dizem vocês, mas não é fácil para nós tampouco” (KORCZAK, 1986, p. 119, 120). As vítimas dos oficiais alemães e os últimos estão igualmente envolvidos numa situação limite, que lhes gera a opressão sobre seu ser. A violência, as decisões e as ações são difíceis tanto para o algoz quanto para o violentado. Todos os que experienciam esse contexto trágico mantêm algum grau de humanidade, sendo que não passam incólumes pelo que vivenciam.

Em outro momento desse diário, Korczak vê o oficial alemão como alguém comum, em quem se reconhece e gostaria de estabelecer contato:

Rego as flores. A minha careca na janela – que alvo bom!
Ele tem um fuzil. Por que fica assim, olhando tranquilamente?
Não recebeu ordem.
Ele era talvez professor numa aldeia, ou tabelião, ou varredor de rua em Leipzig, garçom de bar em Colônia?
Que é que ele faria se eu fizesse um pequeno sinal com a cabeça? Um gesto amigável com a mão?
Será que ele nem sabe o que está se passando?
Talvez ele tenha chegado ontem de muito longe. (KORCZAK, 1986, p. 132)

Além de comum, o militar alemão também é parecido com o judeu encarcerado no Gueto, pois ambos foram afastados de sua vida cotidiana pelo conflito em que os governantes de seus países se envolveram (ou foram envolvidos). Essa identificação com aquele lhe é hostil e a percepção de que são semelhantes também está visível no poema “Dois senhores no meio da neve” de Szlengel, que se transcreve abaixo:

Cai a neve, espessa, má e cortante,
sua lã branca minha gola adornando,
estamos os dois numa rua vazia
o soldado e o judeu trabalhando...

Não tenho casa – você também não,
os tempos nos pesam nas vidas
separa-nos tanto que pensar assusta
e agora – pela neve unidos...

Por sua conta, não arrendo um passo,
mas você também não pode...
quem de nós está prendendo o outro?...
Ou alguém a nós dois, na verdade...

Tem o uniforme lindo, reconheço,
quem sou eu para me igualar a você,
mas, a neve, a diferença
entre judeus e soldados não vê...

Cai a neve, em mim e em você...
cai igual, com a branca paz,
juntos olhamos pelo branco véu
pelas trevas, para a luz fugaz.

Olhe bem, o que nós fazemos?
Quem precisa disso? Para quê?
Ouça homem... a neve cai fria,
Para casa – vamos eu e você. (SZLENGEL, Dois senhores no meio da neve In: SZLENGEL, 2018, p. 68, destaques meus)

Nota-se que, diante da natureza, ou seja, sob a neve (“mas, **a neve, a diferença/entre judeus e soldados não vê...**” - SZLENGEL, 2018, p. 68, destaques meus), o soldado alemão e o judeu são iguais e ambos sofrem por estarem distantes de casa, seja por terem sido deslocados para um país ocupado ou para um lugar segregado na região onde antes moravam como destacado no primeiro verso da segunda estrofe: “**Não tenho casa – você também não,**” (SZLENGEL, 2018, p. 68, destaques meus). Nitidamente eles não se sentem confortáveis por estarem envolvidos numa guerra e é possível considerar que questionam a continuação desse conflito, pelas indagações presentes na última estrofe

do poema: “Olhe bem, **o que nós fazemos?/ Quem precisa disso? Para quê?** (SZLENGEL, 2018, p. 68, destaques meus).

Entende-se que as imagens que a poeta e os autores apresentam nos trechos supramencionados fazem com que os leitores contestem a vitória dos alemães sobre a população varsoviana, visto que, eles de alguma maneira também encontraram dificuldades e perdas. Na minha opinião, a principal perda seria a possível dúvida ao subjugar pessoas que possuem experiências semelhantes às suas, isto é, indivíduos que igualmente fazem parte de uma família, a grande família humana. E isso pode levar a indagar-se sobre o sentido de um conflito contra outro humano.

Nota-se a presença do mesmo tema no poema “Coração pequeno” de Zbigniew Herbert, reproduzido a seguir:

Coração pequeno
para Jan Józef Szczepański

**a bala que disparei
durante a grande guerra
deu volta ao globo terrestre
e me atingiu as costas**

no momento menos apropriado
quando já estava certo
de ter esquecido tudo
as suas – as minhas culpas

afinal como os outros
eu queria apagar da memória
os rostos do ódio

a história consolava
**que eu havia lutado contra a violência
e o Livro dizia
- que ele era o Caim**

tantos anos pacientemente
tantos anos em vão
lavava com água de misericórdia
fuligem sangue ultrajes
para que a nobre beleza
a formosura da existência
e talvez até o bem
tivessem em mim um lar
afinal assim como todos
desejava retornar
para a baía da infância
para o país da inocência

a bala que disparei
da arma de pequeno calibre
contra as leis da gravidade
deu volta ao globo terrestre
e me atingiu as costas
como se quisesse dizer
- que nada a ninguém
será perdoado

assim sento agora solitário
no toco da árvore cortada
exatamente no meio
da batalha esquecida

e teço eu aranha grisalha
amargas reflexões

sobre a memória demasiadamente grande
sobre o coração demasiadamente pequeno (HEBERT, Coração pequeno
In: KILANOWSKI, 2018, p. 88-89, destaques meus)

O eu-lírico se apresenta como alguém que participou do combate e tenta apagar da sua memória o que viveu, além de vivenciar angústia em seu coração. Mesmo estando do “lado certo” do conflito, a pessoa questiona as ações violentas que realizou num contexto limítrofe, no qual os valores humanos se perdem e/ou são modificados. A sua conduta durante a guerra parece justificada por ter combatido “[...] **contra a violência/ e o Livro dizia/ - que ele era o Caim**” (HEBERT, Coração pequeno In: KILANOWSKI, 2018, p. 88-89) Entretanto, a ação adotada lhe retornava à memória o que faz seu coração ficar apertado, caracterizado como “pequeno” pelo eu-lírico. Dificilmente alguém que vivencia situações brutais consegue sair sem alguma marca, uma bala que lhe atinge as costas ou sem uma lembrança perturbadora. Ou ainda o coração teve que se apequenar durante a guerra para poder combater o invasor, visando a autodefesa e/ou defesa de sua pátria, algo que conseqüentemente implicava em matar outro ser humano.

Świrszczyńska também retrata a inquietação e pavor presentes em ambos os lados do confronto, como, por exemplo, nos seguintes trechos:

Inimigo, você também tinha medo,
embora tivessem-lhe dado uma metralhadora magnífica.

O medo nos seus olhos

Morreu mais tarde que você. (ŚWIRSZCZYŃSKA, Enterro o corpo do inimigo In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 133, destaques meus)

De que tens medo inimigo
ao chegar a esta barricada
derrubada.

[...]

**Lá só podem bater
no teu coração humano
os olhos da moça mortalmente ferida.** (ŚWIRSZCZYŃSKA, Os
olhos mortais In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 157, destaques meus)

É duro morrer
é duro matar
**nos meus olhos o pavor
nos teus olhos o pavor**
matas esses dois pavores
atirando
em mim. (ŚWIRSZCZYŃSKA, Quando atiras em mim In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 159, destaques meus)

Os combatentes numa contenda iniciada por interesses que eles não compreendam ou não se sintam totalmente envolvidos, podem enfrentar sentimentos de incerteza perante a situação terrível em que se encontram. Tanto poloneses quanto os alemães durante o Levante de Varsóvia devem ter enfrentado medo decorrente desse ambiente caótico, tornando-os igualmente humanos.

Os olhos, que permitem transparecer vários sentimentos, ainda mais nos dias de hoje em que nossos sorrisos são cobertos pela máscara e temos que percebê-los através de outras partes do rosto, conseguem demonstrar o medo presente na pessoa treinada militarmente e no civil em luta por sua cidade. Por mais que a barricada esteja derrubada, o inesperado faz o soldado temer o que encontrará nos seus escombros.

Ainda durante o conflito armado, os envolvidos se reconhecem como humanos e agem de forma contrária ao previsto em táticas de guerra, ou seja, agem com bondade. A bondade a que me refiro é poupar a vida do outro e/ou considerar esse outro como seu igual. Para tanto é relevante observar os seguintes trechos sob a pena da poeta:

**Viu os olhos do homem,
deveria ter atirado naqueles olhos.
Hesitou.**

Está estendido na calçada. (ŚWIRSZCZYŃSKA, Atirar no olhos de um homem In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 41, destaques meus)

**E que eu morra tantas vezes,
quantas pessoas há no mundo,
para que elas não tenham que morrer mais,
nem mesmo os alemães.** (ŚWIRSZCZYŃSKA, A enfermeira de catorze anos pensa ao adormecer In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 129, destaques meus)

**Inimigo, enterro seu corpo
na terra que você manchou de sangue.**

**Ela lhe receberá,
como se você não fosse seu inimigo.** (ŚWIRSZCZYŃSKA, Enterro
o corpo do inimigo In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 133, destaques
meus)

Entrou com a carabina
para expulsá-la de casa.

[...]

ele a viu chorar

disse: não chore

o soldado alemão jovenzinho. (ŚWIRSZCZYŃSKA, Disse: não chore
In: ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 189, destaques meus)

Em que pese no primeiro trecho o nazista tenha assassinado o insurgente, o último reconheceu aquele como seu igual ao hesitar em atirar. E ao encarar e fitar os olhos do inimigo, provavelmente o combatente polonês teve consciência de que o outro era uma pessoa como ele.

Nos dois trechos seguintes, pode-se vislumbrar que os seus sujeitos poéticos entendem que o inimigo é alguém que merece respeito e merece ser tratado como um igual. A jovem enfermeira deseja que a morte do invasor e de todos não ocorra, de certa forma, almejando que o conflito termine, mesmo que seja necessário que ela se sacrifique para que isso aconteça brevemente. E isso leva a pensar que todas as vidas humanas merecem respeito. A ação de enterrar o inimigo morto leva a reflexão na mesma direção, apesar de ele representar a brutalidade, ele também é um corpo humano que merece respeito no lugar onde ele causou tanto sofrimento.

No último trecho é possível ver que o soldado, apesar de no início agir com violência, age com delicadeza diante do sofrimento da mulher. Entendo que a fala do alemão foi delicada por não haver indicativo gráfico (um ponto de exclamação) e por ele ter sido caracterizado como jovenzinho, diminutivo que pode indicar certo carinho, amabilidade. Os atos gentis e a tentativa de apagar da memória a violência cometida como apresentado no poema “Coração pequeno” citado anteriormente, provavelmente são formas de preservar a própria humanidade e impedir que a situação desumanizante e violenta presente na guerra afete a essência da pessoa, tornando-a insensível, sem empatia ou intolerante.

O outro também reconhece a cultura polonesa e possui capacidade de atos belos diante da cidade arrasada, como exposto no poema “O oficial alemão toca Chopin”, do qual transcrevo o trecho a seguir:

O som flui pelas janelas sem vidros
pela cidade morta.
O oficial senta.

Tocar uma composição de um pianista polonês pode ser visto como algo irônico diante da destruição da cidade, na qual viveu alguns anos, e da estátua erigida em sua homenagem, bem como diante da proibição de execução das obras desse compositor durante a ocupação nazista⁵. Mas entendo que a escolha por esse compositor pode representar que o oficial considera a cultura polonesa como digna de ser apreciada. Entendimento contrário é apresentado por Piotr Kilanowski (2017, p. 8), para quem o inimigo tem sua humanidade acentuada de modo irônico nesse poema e por Agnieszka Gajewska (2011, p. 210) que entende que essa cena representa a morte de Varsóvia. Para a autora não é apenas evidente que a arte não apenas não vence. Ela também demonstra o paradoxo entre os lados estético e o (anti)ético da arte destacando sua desumanidade. Mesmo que o mito romântico e messiânico ainda persista⁶. Cabe indicar que o messianismo aqui referido é a ideia de a Polônia possuir uma missão salvadora, tendo sido eleita para remissão dos pecados do mundo, sofrendo martírios como Cristo e a sua ressurreição traria a paz e a liberdade aos outros povos (SIEWIERSKI, 2000, p. 76).

A humanização do inimigo pela poeta é um reflexo de que, nessa coletânea poética, o valor mais importante é a vida, sendo o corpo seu portador⁷, conforme a análise de Agnieszka Stapkiewicz (2002, p. 118-119). Em outra obra, essa pesquisadora afirma que “o corpo humano aqui significa simplesmente vida”.⁸ (STAPKIEWICZ, 2014, posição 2276)

Um traço dessa humanização do inimigo é o uso de verbos em segunda pessoa do singular e respectivos pronomes nos poemas que apresentam uma espécie de diálogo com o outro ou ao se referir a ele (em relação a seleção feita aqui, nos poemas “O soldado alemão”, “Enterro o corpo do inimigo” no texto original, “Os olhos mortais” e “Quando atiras em mim”). Isso porque, na cultura polonesa, apenas quando há proximidade entre interlocutores é comum o uso de “tu” e a conjugação verbal dele decorrente. Ainda, é possível o uso forçado do “tu” objetivando rebaixar a outra pessoa, forçando a proximidade entre os envolvidos no diálogo, bem como colocar alguém numa posição de subordinação

⁵ Segundo Janusz A. Mróz, com o início da ocupação nazista, em 1939, os alemães proibiram a apresentação, execução e ouvir as obras de Chopin e, em 1940, a estátua em sua homenagem foi uma das primeiras a ser destruída. Em 1946 a prefeitura de Varsóvia decidiu a reconstrução do monumento e entre 1956-1958 foi feita uma cópia em bronze, que foi inaugurada em maio de 1958 (MRÓZ, 2004, p. 99, 110).

⁶ No original: “można w niej widzieć, zwłaszcza jeśli zwrócić uwagę na miejsce w tomie, ironiczną pointę: umarła Warszawa, a mit romantyczny i mesjański nadal trwa. Patos Chopina nie zważa na okoliczności, sztuka nie wygrywa, a estetyczny kontur pokazuje swoje nieludzkie, nieetyczne oblicze.”

⁷ No original: “Z oczywistych względów najważniejszą wartością w tym poetyckim zbiorze jest życie, a ciało jawi się jako nośnik życia”.

⁸ No original: “Ciało ludzkie oznacza tu po prostu życie”.

ou secundária, enquanto que esse se dirige ao outro com uso do pronome de tratamento “senhor/senhora” reforçando sua posição inferior.

Por fim, a humanização apresentada nos poemas escritos por Świrszczyńska seria um meio para criticar qualquer conflito armado, visto que Agnieszka Gajewska (2011, p. 214) afirma que o livro “*Eu construía a barricada* evoca rebelião contra quaisquer conflitos militares”⁹.

REFERÊNCIAS

GAJEWSKA, Agnieszka. Prywatne/publiczne i pacyfistyczne w poezji Anny Świrszczyńskiej. In: IWASIÓW, Inga; GALANT, Arleta. *Pisarstwo kobiet pomiędzy dwoma dwudziestoleciami*. Kraków: Universitas, 2011. p. 203-2015. Disponível em: <https://repozytorium.amu.edu.pl/bitstream/10593/13971/1/prywatne%20publiczne%20pacyfistyczne%20w%20poezji%20Anny%20%20awirszczy%20c5%84skiej.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.

KILANOWSKI, Piotr. *A poesia contra os mitos – palavra introdutória*. In: ŚWIRSZCZYŃSKA, Anna. *Eu construía a barricada*. Tradução de Piotr Kilanowski, revisão de Eneida Favre. Curitiba: Dybbuk, 2017. p. 5-9.

KILANOWSKI, Piotr. “*Queria permanecer fiel à clareza incerta...*”: *Sobre poesia de Zbigniew Herbert*. 2018. 876 p. Tese (Doutorado em Literatura) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187196/PLIT-0729-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 set. 2020.

KONIECZNA, Iwona L. 80 lat temu Niemcy zniszczyli pomnik Chopina w warszawskich Łazienkach. *Dzieje.pl – portal historyczny*, Varsóvia, 31 maio 2020. Disponível em: <https://dzieje.pl/wiadomosci/80-lat-temu-niemcy-zniszczyli-pomnik-chopina-w-warszawskich-lazienkach>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KORCZAK, Janusz. *Diário do gueto*. Tradução de Jorge Rochtliz. São Paulo: Perspectiva, 1986.

MIŁOSZ, Czesław. *Jakiegoż to gościa mieliśmy: O Annie Świrszczyńskiej*. Cracóvia: Znak, 1996.

MIŁOSZ, Czesław. Ruínas e poesia. In: MIŁOSZ, Czesław. *O testemunho da poesia: seis conferências sobre as aflições de nosso século*. Tradução, introdução e notas de Marcelo Paiva de Souza. Curitiba: Ed. UFPR, 2012. p. 111-133.

MRÓZ, Janusz A. Sentymentalno-krytyczne spojrzenie na warszawskie pomniki. *Ochrona Zabytków*, Varsóvia, n. 3-4, p. 99-113, 2004. Disponível em: <http://yadda.icm.edu.pl/yadda/element/bwmeta1.element.desklight-f6d15b22-0c5d-47b1-948f-6c1ae1afef88>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SIEWIERSKI, Henryk. O Romantismo. In: SIEWIERSKI, Henryk. *História da literatura polonesa*. Brasília: EdUnB, 2000. p. 72-76.

SPIEGELMAN, Art. *Maus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

STAPKIEWICZ, Agnieszka. Corpo cieleśne i corpo duchowe w poezji Anny Świrszczyńskiej. *Prace Polonistyczne*, Łódź, n. 57, p. 117-169, 2002. Disponível em: http://bazhum.muzhp.pl/media//files/Prace_Polonistyczne_Studies_in_Polish_Literature/Prace_Polonistyczne_Stu

⁹ No original: “*Budowałam barykadę wywołuje bunt przeciwko jakimkolwiek konfliktom zbrojnym*”.

dies_in_Polish_Literature-r2002-t57/Prace_Polonistyczne_Studies_in_Polish_Literature-r2002-t57-s117-169/Prace_Polonistyczne_Studies_in_Polish_Literature-r2002-t57-s117-169.pdf. Acesso em: 23 fev. 2020.

STAPKIEWICZ, Agnieszka. *Ciało, kobiecość i śmiech w poezji Anny Świrszczyńskiej*. Kraków: Universitas, 2014. E-book Kindle.

SZLENGEL, Dois senhores no meio da neve In: SZLENGEL, Władysław. *A janela para o outro lado*. Tradução, organização e notas de Piotr Kilanowski. Fortaleza: Dybbuk, 2018. p. 68.

ŚWIRSZCZYŃSKA, Anna. Rozmowa z Anną Świrszczyńską. *Odra*, Katowice, ano III, n. 4 (61), p. 7. 26 jan. 1947. Disponível em: <https://pbc.gda.pl/dlibra/publication/98493/edition/88829/content>. Acesso em: 01 jul. 2021.

ŚWIRSZCZYŃSKA, Anna. *Eu construía a barricada*. Organização e tradução de Piotr Kilanowski, revisão de Eneida Favre. Curitiba: Dybbuk, 2017.